

UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS POR PACIENTES ONCOLÓGICOS E FAMILIARES NUM CENTRO DE RADIOTERAPIA

VANINI, Marisa¹

BARBIERI, Rosa Lia²

HECK, Rita Maria³

SCHWARTZ, Eda⁴

Introdução: a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 7,6 milhões de pessoas morreram de câncer em 2005 e que 84 milhões morrerão em dez anos, se nada for feito. Mais de 70% dos óbitos ocorrem em países em desenvolvimento e do Terceiro Mundo, onde os recursos necessários para a prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer são limitados ou inexistentes. Essa situação caracteriza o câncer como um problema de saúde pública e justifica os recentes movimentos para a mobilização em torno de uma estratégia global de controle. A Estimativa 2008 de Incidência do Câncer no Brasil revela que aproximadamente 470 mil novos casos da doença deverão ocorrer no país entre esse e o próximo ano¹. Apesar do inegável desenvolvimento tecnológico e científico, esse tipo de patologias ainda continua sem a certeza de cura, adquirindo o estigma de terminalidade². Através da literatura sabe-se que a quimioterapia, a radioterapia, a hormônioterapia, a imunoterapia e a

intervenção cirúrgica são as formas terapêuticas mais promissoras no tratamento do câncer. Porém tem-se conhecimento de outras técnicas de tratamento, as chamadas práticas alternativas, caracterizadas pela utilização de métodos não convencionais. A OMS define planta medicinal como sendo todo e qualquer vegetal que possui substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semi-sintéticos. Ao longo do tempo têm sido registrados variados procedimentos clínicos tradicionais utilizando plantas medicinais³. A utilização das plantas medicinais com fim terapêutico constitui-se uma prática milenar, construída no conhecimento do senso comum num contexto histórico, representando assim parte da cultura de um povo e um saber que é difundido de geração para geração. Tornando-se assim uma prática muito utilizada na saúde humana. **Objetivo:** relatar o uso de plantas, como terapia complementar, por pacientes oncológicos que realizam radioterapia em um ambulatório

¹Enfermeira, mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia -Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: marisavanini@yahoo.com.br.

²Bióloga, pesquisadora da Embrapa Clima Temperado. Doutora em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: lia.barbieri@gmail.com

³Enfermeira Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: heck@ufpel.tche.br.

⁴Enfermeira Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora geral do projeto e líder do Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces. E-mail: eschwartz@terra.com.br.

pertencente a uma Universidade Pública ao Sul do Rio Grande do Sul. **Material e métodos:** foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa⁴ e de caráter descritivo⁵, com clientes oncológicos e seus familiares. O projeto foi aprovado pela comissão de ética da Universidade em questão (nº028/06), segundo os princípios e a resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada³, gravada, aplicada no período de janeiro a dezembro de 2006. Foram entrevistados 20 clientes e familiares que freqüentaram o serviço de radioterapia. Os participantes foram nomeados através de números arábicos, conforme a seqüência das entrevistas, acrescido da idade do cliente, sendo que o cliente e o respectivo familiar têm o mesmo número. A análise dos dados ocorreu até julho de 2007, sendo que as entrevistas foram transcritas na íntegra, e organizadas em temas. Neste artigo discutiremos apenas as respostas relativas às práticas terapêuticas complementares utilizadas por pacientes oncológicos durante o percurso da doença e tratamento. **Resultados:** durante as entrevistas apareceram resultados que mostram a ampla utilização de terapias complementares pelos pacientes portadores de câncer que realizam radioterapia, dentre as terapias citadas surgiu a utilização de plantas medicinais, na forma inespecífica de chá, para auxiliar no tratamento do câncer. Outros pacientes relataram que fizeram uso de variados tipos de plantas no decorrer da doença como: cavalinha, ipê roxo, casca de nozes moída, babosa, marcela e camomila. Sabe-se que as plantas medicinais possuem nomes populares diversos nas diferentes regiões do Brasil. Até mesmo dentro do mesmo Estado podem ser

conhecidas por nomes diferentes, para facilitar o reconhecimento dessas plantas, cito ao longo do trabalho o nome popular da planta, atribuído pelos pacientes, e também o nome científico pelo qual ela é conhecida. **Discussão:** os entrevistados relataram que utilizaram diferentes espécies de plantas como terapias complementares para tratamento do câncer. A literatura aponta que algumas dessas plantas realmente têm efeito antitumoral comprovado, enquanto outras não o tem até a presente constatação científica. Em estudo⁶ realizado entre 2000 e 2001, que trata do uso de plantas medicinais pelos pacientes com câncer de hospitais da rede pública de saúde em João Pessoa (PB), assim como no presente estudo, constataram a utilização de babosa (*Aloe* sp), camomila (*Matricaria chamomilla*) e ipê-roxo (*Tabebuia avelanadae*) pelos portadores de câncer. Os autores dessa pesquisa relatam a existência de outras investigações que avaliaram as atividades antitumorais dessas plantas. Foram consultadas 26 espécies de *Aloe* e avaliadas as propriedades antineoplásicas, sendo todas ativas quanto sua ação farmacológica. Além dessa função destaca-se ações laxativas, hepatoprotetora, antiinflamatória, cicatrizante, emoliente, hidratante e protetora da pele contra raios solares, antihemorroidal, antihelmíntica e antibacteriana. Porém convém ressaltar que o uso interno prolongado da babosa leva a perda de minerais essenciais, podendo causar também dores abdominais, diarréia sanguinolenta, hemorragias gástricas e nefrites. Com relação a camomila os autores citam três estudos pré-clínicos quanto à avaliação da ação da planta, nos quais se mostrou inativa quanto a propriedades antitumorais. Já o ipê-roxo foi

citado como efetivo na atividade antineoplásica, segundo ensaios clínicos. Outros estudos⁷ comprovam que o uso das cascas do ipê-roxo sob a forma de chá oferece alguma atividade contra alguns tipos de câncer, sendo tóxico em doses elevadas, levando a perda de peso, anorexia e diarreia. O isolamento da substância lapachol, em ensaios farmacológicos, apresentou atividade antineoplásica, mas apesar de algumas isoladas dessa planta terem mostrado propriedade citotóxica para tumores humanos, não se pode garantir que o uso de suas preparações caseiras tenha sucesso no tratamento do câncer. Os mesmos autores citam estudos realizados *in vitro* no Japão que mostram que extratos de flores da planta de macela (*Achyrocline satureioides*) inibiram em 67% o desenvolvimento de células cancerosas. É importante destacar que no Brasil existe deficiência em pesquisas científicas que relatem experiências com plantas medicinais e suas propriedades na saúde humana, tornam-se necessárias, então, iniciativas que tornem profissionais da saúde capacitados para fornecer orientações a respeito do uso seguro de plantas medicinais a pacientes que freqüentam Unidades de Saúde, principalmente aqueles portadores de doenças crônicas como câncer que realizam tratamentos medicamentosos e utilizam terapias complementares. Atualmente, muitas plantas estão sendo estudadas cientificamente, adquirindo aos poucos seu espaço no meio acadêmico e na atuação dos profissionais de saúde, inclusive no campo da enfermagem. Pode-se observar experimentos com plantas medicinais no âmbito preventivo e curativo, mas ainda não se atingiu suficiência tanto no campo da discussão como na prática

concreta para garantir sua legitimidade. Isso pode ocorrer pela não incorporação desse saber no currículo formador, daí se faz necessária e importante a reflexão sobre sua aplicabilidade, tanto na formação acadêmica, quanto na prática profissional dos enfermeiros⁹. **Conclusão:** no presente trabalho, constatou-se que os pacientes com câncer, não utilizam somente o tratamento convencional indicado pelo médico, mas também, na maioria das vezes, procuram outros tipos de terapias complementares como, por exemplo, as plantas medicinais. Percebe-se que ao procurarem as terapias complementares buscam algo que potencialize seu tratamento, adquirindo autonomia em seu processo de recuperação e acreditando assim na cura. Evidenciam-se alguns cuidados que devem ser tomados na utilização da terapia citada, que por ser natural, aparenta inofensividade. É importante destacar que as plantas algumas vezes podem trazer resultados negativos se usadas de forma equivocada. Por isso ressalta-se a importância de informar a população que faz uso de tais terapias a respeito de propriedades tóxicas de algumas plantas. Nesse estudo, constatamos que os profissionais de saúde que trabalham diretamente com portadores de câncer devem ser qualificados para oferecer informações seguras a respeito das terapias complementares. Refletir sobre essas implicações no cuidado de enfermagem tornou-se urgente na profissão, há que se democratizar e relativizar o emprego dessas terapias no sentido de uma ação compartilhada e interdisciplinar no cuidado à saúde, no caso da enfermagem, como uma extensão de sua prática do cuidar.

Palavras-chave: câncer, terapia complementar, plantas medicinais,

enfermagem.

Referências

1. Brasil. Inca. Disponível: em <http://www.inca.gov.br>. Acessado em: mar. de 2008.
2. Casarin ST, Heck RM, Schwartz E. O uso de práticas terapêuticas alternativas, sob a ótica do paciente oncológico e sua família. *Revista Família, Saúde e Desenvolvimento*, 2005. 7: 24-31.
3. Veiga JVF, Pinto AC, Maciel MAM 2005. Plantas Medicinais: Cura Segura? *Revista Química Nova* 28: 519-528.
4. Mynaio MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1993. 269 p.
5. Cervo AL, Bervian PA. Metodologia Científica. São Paulo: MC Graw-Hill, 1983.
6. Araújo EC, Oliveira RAG, Coriolano AT, Araújo EC 2007. Uso de plantas medicinais pelos pacientes com câncer de hospitais da rede pública de saúde em João Pessoa (PB). *Revista Espaço para Saúde*, 8: 44-52.
7. Lorenzi H, Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa-São Paulo. 2002.
8. Brasil. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: uma realidade no SUS. *Revista Brasileira de Saúde da Família*, publicação do Ministério da Saúde. Ano X, edição especial. 2008.
9. Alvim NAT, Ferreira MA, Cabral IE, Almeida Filho AJ. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. 2006.